

O MEU SAUSSURE¹

Eugenio Coseriu
Universidade de Tübingen

1. Linguístas há que crêem dever muito pouco a outros linguístas, nos quais, imaginam, apenas puderam encontrar a confirmação de suas próprias intuições ou convicções. E até há quem tenha chegado a afirmar nada dever a Ferdinand de Saussure.

Esta não é a minha posição. No meu entender, é muito difícil, na lingüística moderna, não dever nada a F. de Saussure. No que diz respeito à "confirmação de suas próprias convicções" – pela própria natureza da linguagem (que é uma atividade livre do homem) e da lingüística (que se funda no "saber originário" que tem o homem sobre si mesmo e sobre suas próprias atividades livres) – penso que se trata, precisamente, do modo como, nas ciências humanas, se manifestam as "influências" na formação de uma concepção. Por isso, no que me concerne, estou disposto a admitir que muito da validade, e inclusive tudo aquilo que pode ter validade em meus escritos e investigações (enquanto concepção e método), provém de outros linguístas e de vários filósofos da linguagem, através de um processo dialético de síntese cuja base constante de referência tem sido a própria realidade da linguagem, tal como se apresenta à introspecção reflexiva e à observação sistemática. Entendo, portanto, minha concepção como um intento de conciliar, em relação à realidade da linguagem, Saussure e Humboldt, com a ajuda de sugestões que recebi de Sapir e de Hjelmslev, de Menéndez Pidal e de Pagliaro, e – em outro plano (o filosófico e epistemológico) – de Aristóteles, Leibnitz, Vico, Hegel e Croce, principalmente de Aristóteles e de Hegel. E meu critério quanto à interpretação de suas sugestões e à integração numa concepção unitária foi sempre o da "confiança prévia", ou seja: toda concepção e toda tese formulada por cientistas e pensadores autênticos se fundam em alguma intuição certa e contêm seu núcleo de verdade, apesar de eventuais des-

1 Comunicação lida no Congresso realizado pela Associação Galega da Língua, em homenagem a Ferdinand de Saussure (Vigo, 1993). Tradução do original espanhol de Evanildo Bechara.

vios e parcializações na explicitação da intuição. Considero, com efeito, que não tem sentido negar pura e simplesmente – e é de pouca utilidade para a ciência rechaçar como "falsa" tal ou qual distinção ou tese antes de se perguntar (e tratar de averiguar) a que intuição certa corresponde e em que sentido pode ser válida, já que a crítica efetiva e proveitosa é a que em todo caso trata de estabelecer os *alcances* e os *limites* das teses e concepções discutidas. Tal é o critério hermenêutico que tenho aplicado também – e, em certo sentido, principalmente a Ferdinand de Saussure.

Esta minha atitude em relação a Saussure nem sempre tem sido compreendida em seu genuíno sentido. Tem-se-me objetado que em tal ou qual caso "falseava" a concepção saussuriana, que a criticava de um ponto de vista que lhe era exterior, que me propunha diminuir ou negar sua originalidade e validade, que pretendia "banalizá-la", etc. Sem dúvida, a culpa tem sido minha, porque, a partir de certo momento, deixara de explicar meus propósitos e de assinalar que, de fato, continuara trabalhando em bases saussurianas e avançando, tanto quanto possível, pelos caminhos abertos por Saussure. Chegou agora o momento de explicá-lo brevemente.

2. "O meu Saussure" é o Saussure das grandes distinções do *Curso de Lingüística Geral*, que determinaram o desenvolvimento e o progresso da lingüística do século XX; não só da lingüística estritamente saussuriana, mas da lingüística que, aparentemente, ignora a Saussure (mas que, de toda maneira, teve de delimitar-se com relação à lingüística saussuriana). Para mim, as grandes distinções saussurianas não foram objeto de interpretação, e sim marco e guia da investigação. Propus-me, com efeito, estabelecer em que sentido são indispensáveis para qualquer lingüística "realista", isto é, que dissesse respeito à realidade da linguagem.

As distinções de Saussure são, como se sabe, antes de mais nada metodológicas: foram feitas para delimitar a "língua" (*langue*) como objeto da descrição sincrônica sistemática. Para mim, que queria considerar essas distinções em seu sentido "real", levanta-se o problema de saber onde podemos encontrar, na realidade da linguagem, o *sistema homogêneo de oposições*, essa *langue* ideal? Aplicando estritamente as mesmas distinções (tomadas como "reais") e acrescentando outras distinções que se faziam necessárias às saussurianas, acabei por identificar e por delimitar estritamente como objeto da lingüística descritiva imanente (descrição saussuriana ideal) a *técnica livre da língua funcional no nível do sistema de funções e oposições*. Com isto, justificava-se a *fonologia funcional* (já existente), como paradigmática e sintagmática do plano da expressão, e ficavam firmemente fundadas, no mesmo sentido (propriamente saussuriano), a *gramática ou sintaxe funcio-*

nal e a semântica léxica funcional (lexemática), para o plano do conteúdo ("signifié").

As distinções indispensáveis para chegar à *langue* entendida nesse sentido são:

a) a distinção entre três planos da linguagem e da "técnica" lingüística (ou "saber lingüístico"): plano universal, plano histórico e plano particular (e, respectivamente, *saber elocucional*, *saber idiomático*, *saber expressivo*);

b) entre "coisas" e "linguagem", isto é, conhecimento das "coisas" (ou do "mundo") e conhecimento da linguagem;

c) entre *metalinguagem* e "linguagem primária".

d) entre *discurso repetido* e técnica livre;

e) entre *arquitetura* e *estrutura* ou variedade (diatópica, diastrática, diafásica) e homogeneidade (sintópica, sinstrática, sinfásica) da língua histórica, com o que a língua funcional passa a ser não só *sincrônica*, mas ainda *sintópica*, *sinstrática* e *sinfásica*, e, finalmente,

f) entre três níveis técnicos: *norma* de realização, *sistema* de distinções e oposições (e, daí, "de possibilidades") e *tipo* lingüístico.

Com tais distinções, deixava-se de lado tudo aquilo que não corresponde ao sistema homogêneo de oposições (o *saber elocucional* e o *saber expressivo*), o conhecimento das "coisas", a *metalinguagem* [uso metalingüístico], o *discurso repetido*, a *arquitetura* ou *variedade* da língua e dos níveis da *norma* e do *tipo lingüístico*). Ao mesmo tempo, a consideração da língua como "técnica" (de acordo com Pagliaro) e, portanto, do sistema como sistema de possibilidades (de acordo com a advertência do próprio Saussure a propósito da analogia) me levava a entender as estruturas lingüísticas não como estáticas, mas como *d i n â m i c a s* (como "modos de fazer"), a justificar a coexistência sincrônica de sistemas idealmente diacrônicos no saber lingüístico de um mesmo falante e a interpretar a sincronia como *funcionar* e a diacronia como *desenvolvimento* (surgir) da língua, desligando estas noções da interpretação estritamente temporal (projeção sincrônica em um momento / linha diacrônica entre vários momentos).

Tudo isto se fez, a rigor, no âmbito do saussurianismo, embora não de um saussurianismo "ortodoxo", entendido como repetição, confirmação e aplicação do dito por Saussure; porém de um saussurianismo dinâmico, entendido como concepção dinâmica que permitia (e sugeria) desenvolvimentos em vários sentidos, ou seja, o que se fez *com* Saussure e não *sem* Saussure nem *contra* Saussure.

3. Por outra parte, se me impunha a necessidade de considerar tudo o que as tais distinções feitas até aqui deixam de lado (ou põem entre parênteses) e, depois de ter identificado as estruturas idiomáticas em toda sua pureza, recuperar para (e nos limites de) uma *lingüística integral* tudo aquilo que funciona no falar e *não é* estrutura idiomática homogênea. Isso, porque desde o início considerei que o que a lingüística tem de explicar é o *falar* fundado no saber lingüístico que nele se manifesta. E o sistema de oposições idiomáticas funcionais é, sem dúvida, fato absolutamente essencial (é a base indispensável do falar), mas não explica todo o falar: não é o saber lingüístico todo. Daí, já em 1955, propus para o *saber elocucional* e *saber expressivo* uma *lingüística do falar* e uma *lingüística do texto*. Quanto à contribuição do "conhecimento das coisas" para o falar, também destacada já em 1955, propus mais tarde uma *lingüística esqueuológica* [do grego *skeuê*, ou melhor *skéuos* 'coisa', 'instrumento', etc.]. No que concerne à metalinguagem, indiquei como necessária uma *gramática do uso metalingüístico*; e no que diz respeito ao *discurso repetido*, uma lingüística elaborada do mesmo (como estudo dos seus tipos gerais e descrição sistemática do discurso repetido pertencente a determinadas tradições idiomáticas). Com respeito à arquitetura da língua, distingui *quatro* disciplinas sincrônicas com objeto próprio: uma disciplina das homogeneidades (*gramática* em sentido amplo, incluindo a fonologia e a semântica léxica estrutural) e três disciplinas da variedade como tal (*dialectologia, sociolingüística e estilística da língua*). Finalmente, com relação à própria língua funcional, esbocei (já a partir de 1952) uma *lingüística da norma* e, mais tarde, uma *tipologia lingüística*. Quanto às aplicações, esbocei uma *deontologia* [do grego *déon* 'dever'] *lingüística* (estudo da correção e da exemplaridade idiomática), uma teoria da política lingüística e da planificação idiomática, uma teoria da tradução e uma teoria do ensino do idioma e da educação lingüística. Ao mesmo tempo, no que concerne à diacronia (em sentido amplo), distingui, com Menéndez Pidal, entre *gramática histórica* estrita (estudo diacrônico de um só sistema idealmente homogêneo) e *história interna da língua* (estudo diacrônico de uma língua histórica) e, por este caminho, cheguei a interpretar a *história lingüística* (que não exclui, mas que contém as descrições sincrônicas) como efetiva *lingüística integral*. Com tudo isto, por certo, muito me afastei de Ferdinand de Saussure; cheguei até ao pólo oposto do Saussure do saussurianismo "ortodoxo"; porém, conforme creio, também cheguei a isto em contacto permanente com Saussure, e não sem Saussure e muito menos contra Saussure.
